

NÊGO

BOLETIM INFORMATIVO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO — JULHO /81 BA.

UFA. UM BOLETIM!

Afinal uma publicação que tentará ser o meio de comunicação entre o M.N.U. e os negros as sociedades culturais, os sindicatos e outras entidades.

O boletim informativo "NÊGO", pretende ser um órgão através do qual os aspectos da vivência, luta histórica dos negros em Salvador e no interior do estado, possam ser levantados, discutidos e divulgados.

O boletim informativo "NÊGO", nasce como canal aberto a fala livre, para que no seu interior abrigue as nossas alegrias e tristezas, nossos interesses e nossas lutas.

Não é um jornal, é só um boletim para ampliar o diálogo aberto com nossos irmãos e todos os companheiros que não aceitam o racismo e se propõem a lutar contra todas as formas de discriminação.

Para o M.N.U. esta publicação é importantíssima, é mais uma trincheira de divulgação e luta contra o racismo.

O boletim informativo "NÊGO", afirma a necessidade de que todos os negros participem da luta contra o racismo, o preconceito racial e todas as formas de discriminação e exploração.

- PELA LIBERDADE DE ORGANIZAÇÃO E EXPRESSÃO PARA OS NEGROS,
- POR UMA AUTENTICA DEMOCRACIA RACIAL,
- PELA LIBERDADE DO POVO NEGRO.

AXÉ
COMISSÃO DE IMPRENSA

MNU



Escola de Jornalismo

"Encontra-se em estudo o lançamento de uma Escola de Jornalismo em Maputo (Capital de Moçambique), aberto à frequência de alunos de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

A escola conta com o patrocínio da UNESCO (Organização da ONU a educação, Ciência e cultura), tendo o projeto sido aprovado na assembleia efetuada em Belpado, por proposta apresentada pelos cinco países africanos de língua oficial portuguesa.

Para estudo de questões práticas relacionadas com o projeto, uma equipe técnica da UNESCO deverá em breve visitar os países interessados na edificação da Escola.

Segundo fonte governamental moçambicana, os cursos ministrados na escola serão numa primeira fase, de nível médio, prevendo-se seu início para princípio de 1983. Informamos que a Organização Nacional de Jornalistas (ONJ) moçambicano pôs já em funcionamento, o ano passado, uma escola básica de Jornalismo, cujo primeiro curso de formação foi frequentado por 37 alunos.

Josué Clovis H. Gonçalves

Boletim informativo "NÊGO"
Editado pelo Movimento Negro
Unificado - Bahia.
Julho - 81 - N.º 1

Endereço para correspondência
Rua do Paraíso - 83 - Mouraria
Salvador - Bahia - Brasil
CEP. 40.000

Cooperantes: LITERARTE,
Entidades Negras, Comissões
do M.N.U.

* **Amatória sobre os goleiros Negros,**
foi extraída da Revista Placar.

* **O Boletim Nêgo não tem**
fins lucrativos

Comissão de Imprensa

 **literarte**
livros jornais revistas ltda.

AV. SETE DE SETEMBRO
ED. STO. AMARO
Salvador - Bahia



TREZE DE MAIO: ABOLIÇÃO?

O negro construiu este país com o seu trabalho gratuito desde 1510 até a chamada abolição.

As leis que foram feitas em seu favor na verdade contribuíram para sua marginalização, como a lei dos Sexagenários, que tinha por finalidade livrar a responsabilidade dos patrões sobre os escravos com mais de 60 anos, que eram atirados à sua própria sorte, sem meios de subsistência. Foi a aposentadoria compulsória sem direito a nenhuma remuneração.

A lei do ventre livre que fazia libertos os filhos de escravos, tirava na realidade a obrigação dos patrões de alimentar os filhos dos seus escravos.

A lei Áurea libertou apenas 600 escravos. O sistema econômico na época não necessitava mais da mão de obra escrava, daí a Abolição que jogou os ex-escravos na marginalidade, no desemprego, sem oportunidade de preparar-se para entrar no processo industrial que se iniciava no país.

O que recebeu o negro por ter construído este país? Nenhuma indenização, nenhuma doação de terras, nada que mostrasse reconhecimento por essa raça que durante quatro séculos vem trabalhando para sustentar este país.

O negro foi jogado à sua sorte após a abolição e substituído pelo imigrante europeu, que recebeu do governo as melhores terras para cultivar e criar, terras que pertenciam por direito unicamente ao negro.

Nos dias de hoje continuamos marginalizados da produção. Não temos nada.

Somos impedidos de exercer determinadas profissões apenas por sermos negros (secretárias, bancários, representantes, cargos de direção, balconistas, etc.). Exercemos as funções menos remuneradas. Somos tratados como cidadãos de segunda classe, sem direito a um mínimo respeito humano.

Nos são negadas as oportunidades de trabalho e educação e em consequência somos a maioria dos desempregados, sub-empregados, assaltantes, protistas, pivetes e mendigos.

Este é o nosso prêmio.

Temos então algum motivo para comemorar a chamada Abolição?

→ Ana Célia

A maldição dos goleiros NEGROS

Do aristocrático Marcos Carneiro de Mendonça, que no início do século arrancava suspiros de admiração das damas cariocas, ao pastor João Leite, recentemente promovido a titular, nada menos do que 71 goleiros já defenderram a Seleção Brasileira nos 67 anos de sua história.

Alguns, como o grande Gilmar, tiveram passagem tão marcante que se tornaram verdadeiras lendas vivas do futebol. Outros, como Franz, Mesquita e Chico, terminaram em absoluto esquecimento. Houve quem carregasse fama de milagroso, como Castilho. Ou de frangeiro, como Manga.

Bons ou ruins, heróis dos estádios ou anônimos figurante, o certo é que 90% deles tinham uma característica em comum: eram brancos. Por um estranho mistério, sempre se permitiu ao negro que jogasse em qualquer posição, exceto no gol. Ali, cor igual à de sua pele só era vista na camisa. Hoje nem isso. O louro Carlos talvez seja um dos últimos a se vestir de preto.

A Seleção, que até agora utilizou apenas sete goleiros negros, é um retrato perfeito da situação dos clubes. No Palmeiras, por exemplo, nenhum negro chegou a ser titular do seu gol. O máximo que aconteceu, em meados da década passada, foi a presença do mulato Tonho na reserva de Leão, um descendente de europeus que participou de três Copas do Mundo.

CONCEIÇÃO. "MULATO COM CARA DE MACACO"

E o mais intrigante de tudo é que todos os sete goleiros, como se carregassem uma pesada maldição, acabaram em desgraça.

O primeiro deles foi o mulato Néelson Conceição, um antigo motorista de táxi que se tornou o melhor goleiro do país dos anos 20. Apesar de toda sua agilidade, coragem e segurança, ele costumava ser hostilizado pelos jogadores e torcedores adversários, sobretudo os do Fluminense e Flamengo. Seu time, o Vasco, era então a única equipe forte do Rio que admitia negros. No Fluminense, atuavam exclusivamente brancos bem-postos na vida, não sendo tolerada a presença de empregados subalternos do comércio. Por isso, muitos de seus sócios mais antigos e tradicionalistas, quando o clube recebia o Vasco no estádio da Laranjeiras, passavam o jogo atrás do gol, provocando Conceição, descrito por eles, segundo o escritor Mário Filho em seu livro "O Negro no Futebol Brasileiro", como "um mulato com cara de macaco, metido a quiper argentino, com um boné na cabeça".

Esse preconceito, que representava uma reação das elites cariocas à crescente presença do jogador preto no futebol, podou a carreira de Néelson Concei-

ção na Seleção Brasileira. Ele só disputou sete partidas oficiais.

Pior sorte seria reservada na década seguinte a Jaguaré, seu sucessor no Vasco e no próprio futebol nacional. Jaguaré jogou três partidas na Seleção. "Um irresponsável", diziam. Na verdade, tanto quanto um excepcional goleiro, foi um artista do período romântico do futebol. Entusiasmava o público com suas defesas arrojadas — agarrada a bola, gostava de girá-la na ponta do indicador, que nem um malabarista, antes de fazer a devolução para o ataque.

LUIS BORRACHA

"SE VENDIA POR UM PICOLÉ"

Sua imagem consolidou-se numa partida contra o São Cristóvão. O Vasco ganhava por 5 a 0. No fim do jogo, o centroavante Vicente, do São Cristóvão, entrou na área e atirou forte. Jaguaré se esticou, defendeu e, para espanto geral, devolveu-lhe a bola: "Vamos, chuta de novo!", gritou. Vicente chutou e fez o gol. Vendido mais tarde para a Espanha, junto com o médio Fausto, igualmente negro e um craque de primeira grandeza, Jaguaré terminou sua vida na pobreza e morreu esfaqueado em São Paulo.

Como Jaguaré e Néelson Conceição, o flamenguista Luís Borracha, já na década de 40, jogaria pela Seleção escassas cinco vezes. Sua extrema elasticidade, que lhe valeu o apelido, aliada a uma rara competência para posição, não impediram que circulasse sem cruéis boatos a seu respeito. Afirmava-se que Borracha atuava mal à noite, por deficiência visual, e - pior - deixava-se subornar. "Vende-se por um picolé", acusavam sem provas os torcedores inimi-



Jaguaré: brilhando no Vasco, na década de 30

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

gos. Se não bastasse, ele era um negro. E ainda se acreditava que um negro - ou mesmo um mulato com cara de índio como Jurandir, também do Flamengo, oito jogos na Seleção - não dava bom goleiro. Tal ideia equivocada essa foi a derradeira posição ocupada por milionários e diletantes que, embora sem talento, insistiam em jogar futebol. Sem chances de disputar uma vaga na zaga, no meio-campo e no ataque, pois em qualquer desses setores perdiam no confronto para jogadores de maior categoria, brancos ou não, eles se apegaram ao gol, difundindo falsas teorias a respeito das dificuldades que o negro teria para jogar no arco.

VELUDO, "TÃO PRETO QUE ATÉ BRILHAVA..."

Entretanto, um outro goleiro do Vasco, Moacir Barbosa, iria se encarregar de destruir o mito - pelo menos até sofrer o fatídico gol de Ghiggia, a 16 de julho de 1950, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai dentro do Maracanã. Ele continuaria jogando futebol por muitos anos, mas nunca mais voltaria à Seleção, que defendeu em 19 ocasiões. O futebol brasileiro não o perdoaria pela derrota. Nem a ele nem aos zagueiros negro sJuvenal e Bigode. Major goleiro do país em todos os tempos, na avaliação do insuspeito Flávio Costa, o técnico de 50 que não gostava de escalar jogadores pretos em competições no exterior, Barbosa chegou ao Vasco, em 1944, cercado de fama e esperanças. "Este negro será um fenômeno", anunciava o treinador uruguaio Ondino Vieira. Não se enganou. Com 19 anos, ele entrou no time, que não vencia um campeonato há dez temporadas, e teve uma participação decisiva na conquista do título de 1945, quando surgiu o "Expresso da Vitória", a grande equipe brasileira no período que antecedeu a inauguração do Maracanã.



Veludo: tão bom que Castilho foi seu reserva

PELÉ, DJALMA SANTOS, DOMINGOS DA GUIA, DIDI, LEONIDAS, ZIZINHO.

TODOS SUPERCRAQUES, TODOS NEGROS, NENHUM NEGRO, PORÉM, SE CONSAGROU COMO GOLEIRO. POSIÇÃO QUE CONTINUA, MISTERIOSAMENTE, REDUTO DE BRANCOS



Jairo: chamado por Brandão, 77

O gol de Ghiggia fez renascer o velho preconceito, que no entanto sofreria um sério abalo a 7 de março de 1954, em Assunção. Nesse dia, pelas eliminatórias da Copa da Suíça, o Brasil derrotou o Paraguai por 1 a 0, graças a um gol do crioulo Baltasar, inesquecível artilheiro do Corinthians, e a uma série de defesas maravilhosas de um goleiro que, por ser "tão preto que até brilhava", conforme compararam, ganhou o apelido de Veludo. "Ele tinha o par de mãos mais firme que conheci no futebol", definiu o Castilho, que foi seu reserva no Fluminense e na Seleção. Em Assunção, Veludo defendeu até as garrafadas que lhe foram arremessadas. Menos de dois anos depois, em tarde infeliz, ele tomava seis gols num Fla.Flu. Xingado de bêbado e gaveteiro - ou melhor, de negro bêbado e gaveteiro - iniciou o processo inverso de sua ascensão. Carregador de café no porto do Rio de Janeiro na juventude, Veludo, nove jogos na Seleção, foi caindo de clube em clube, para encerrar a carreira no Renascença de Belo Horizonte. Morreu na miséria.

Veludo foi o último goleiro negro titular da Seleção, sucedido por uma multidão de brancos: Castilho, Gilmar, Ernani, Cabeção, Ubirajara, Valdir Moraes, Félix, Manga -, mulato chamado de frangeiro, na Seleção -, Marcial, Cláudio, Picasso, Irno, Suly, Alberto, Lula, Mussula, Fábio, Ado, Leão, Wendell, Sérgio, Valdir Peres, Raul, Carlos, Marofo, João Leite... Houve uma exceção, em 1977: o catarinense Jairo, que um falecido supervisor da Seleção, o baiano e mulato Almir de Almeida, levou do Fluminense, onde era o quarto goleiro, para o Coritiba e de lá para o Corinthians. Jairo jogou uma solitária partida pela Seleção, não voltou a ser convocado, mais tarde perdeu a posição no seu clube e hoje disputa a Taça de Prata pelo Náutico de Recife.

Por Carlos Maranhão

CARNAVAL NEGRO

Passou o carnaval.

Foram seis dias de "esquecimento" dos problemas do dia a dia.

Foi um carnaval negro. O carnaval dos blocos negros e afro, que mais uma vez foram às ruas mostrar a força e a beleza da cultura negra, tão reprimida e distorcida durante os outros dias do ano. Foi lindo!

Logo na sexta-feira à noite começou o grande espetáculo: em todas as ruas da cidade viamos nossos irmãos com indumentárias africanas, preparando-se para o grande momento do desfile.

Até chegar a quarta-feira de cinzas foi isso mesmo; a riqueza africana a embelezar nossa vida, mostrando o orgulho de termos nascido negros.

Sem nenhum exagero, podemos dizer que os blocos afro e afro-afóxeos foram a maior atração do carnaval que passou, sem porém, desmerecer as outras manifestações carnavalescas populares.

As tranças, lindas e sugestivas, os penteados afro, mostraram outro importante aspecto de nossa beleza: o nosso cabelo é lindo, sem hené, sem ferro quente, sem creme alizante.

E todos dançavam descontraidamente, mostrando a grande força criativa que o negro tem dentro de si.

Porém, o carnaval passou. Passou mas ficou em todos nós o fruto de um trabalho enorme de quase um ano de preparativos para a grande festa.

Os blocos afro e afro-afóxeos, através do carnaval vêm cumprindo um importante papel, que é a busca, recuperação e afirmação de nossa NEGRITUDE.

Ao vermos nossos irmãos vestidos de maneira tão bonita, as mulheres negras com o cabelo pixaim ao natural, a dança africana, os cânticos e rezas, sentimos um reboiço por dentro, como se alguma coisa fervilhasse, querendo explodir e gritar alto, afirmando nossa negrura.

Este é o maior papel das nossas entidades: fazer com que a gente se descubra cada vez mais; mostrar o quanto somos bonitos; fazer o negro se reencontrar com a sua NEGRITUDE, para juntos nos libertarmos definitivamente (afinal, são 500 anos de opressão e negação de nossos valores).

Conseguimos mostrar a nossa força; mas o carnaval passou.

E agora? Esperar o próximo período de ensaio para novamente mostrar nossa cultura? NÃO!

O trabalho de conscientização e recuperação dos valores negros deve ser permanente.

Com a capacidade de mobilização demonstrada nas festas, ensaios e no carnaval, os afro-afóxeos e blocos afro têm condições de trabalhar durante todo o ano, em pró da nossa raça, infelizmente tão marginalizada.

Atividades como cursos de dança afro, capoeira, peças de teatro, mostra de poesias, palestras e debates têm o poder de manter a comunidade negra reunida durante todo ano, dando um largo passo na luta pela realização dos nossos objetivos, que se resumem na eliminação de todas as formas de discriminação racial e conquista de condições sócio-econômicas dignas para o povo negro.

São dezenas de entidades negras existentes em toda a cidade do Salvador e que podem trabalhar juntas, na realização das atividades citadas, o que teria também o mérito de evitar a rivalidade e competição desenfadada entre as entidades negras, visto que os orçãos oficiais encarregados da organização do carnaval incentivam essa rivalidade, podendo trazer sérios prejuízos para todos nós negros, que pre-

cisamos estar cada vez mais unidos.

O importante é a LIBERTAÇÃO do povo negro.

O que interessa é a REAFIRMAÇÃO de nossos valores.

O essencial é poder SER NEGRO todos os dias do ano e não apenas no carnaval. Vamos em frente!

AXÉ

Wilson Santos

Salvador/Bahia, março de 1981

Conscientização e Ação Reflexiva

Todo homem tem direito de decidir seu próprio destino, mas isto não é permitido aos negros por esse sistema opressor, que tenta nos alienar, colocando-nos como seres inferiores impedindo-nos de frequentar melhores escolas, focalizando nossa cultura, nos empurrando para a marginalidade, para o sub-emprego, sugando nosso sangue, discriminando nossa religião, tentando nos desunir ao máximo, subornando com suas estratégias políticas, com falsas leis, ensinando apenas o que ele quer que nos saibamos para continuarmos inconscientes dos nossos verdadeiros valores, sentindo-nos como se fôssemos uma raça inferior, sem cultura, sem beleza, apenas um povo servil que só sabe sambar e fazer palhaçadas e usar o corpo como se fosse um objeto comercial.

Por isso hoje devemos nos unir para mostrar a esta falsa democracia racial que nós não somos apenas fantoches, que não queremos "embranquecer", que temos integridade e somos perseverantes nas posições.

A Comunidade Negra Brasileira vem sendo oprimida, reprimida, descaracterizada, massacrada, em resumo: vem sofrendo um genocídio lento, sutil e eficaz. Por 5 séculos, isso vem acontecendo, desde o governo colonial opressor até os dias atuais. Seria mais racional dizer que uma mudança significativa está próxima. O negro se conscientiza cada vez mais. Mesmo sem uma tendência de unificação total, a conscientização é feita. O MNU (Movimento Negro Unificado), entidade reconhecida como verdadeira representante da luta do negro pela sua real libertação no Brasil, solidarizando-se com a luta de todos os setores oprimidos, tem o seu importante papel neste processo de conscientização. A nossa luta é justa, a nossa luta é pura. "Liberdade ainda que tardia", mas ainda estamos lutando.

A unificação total será alcançada, sim, conscientizando-se e concordando-se. Com a unificação, ao menos de uma grande parte da comunidade Negra Brasileira, conseguiremos uma base sólida e inabalável. Teremos forças até para desestabilizar com grande facilidade setores racistas considerados incombateáveis e indestrutíveis. A unificação consciente do negro, significa em resumo o desmantelamento desse sistema racista, capitalista (lucrista), corrompido e subordinado ao imperialismo norte-americano, que infelizmente ainda continua super-concretizado e aparentemente inabalável.

Para conseguirmos mobilizar todos os setores oprimidos no seio da população brasileira, inclusive a Comunidade Negra, seria necessário transmitir e despertar em cada um desses setores de uma forma consciente, a necessidade de união no sentido de se lutar para a conquista de uma sociedade mais justa e igualitária.

Josué Clovis H. Gonçalves

Conheça o Movimento Negro Unificado

1 O QUE É O MNU

O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma frente democrática de resistência à discriminação racial, que se manifesta no trabalho, nos ambientes públicos, nas escolas, na violência policial, na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas com que se defronta a comunidade negra, como sejam: os baixos salários, o desemprego, o subemprego, a marginalização.

2. ANTECEDENTES

O MNU não é a única experiência de organização da raça negra no Brasil. Dez anos após a chegada dos primeiros escravos surgiram os quilombos, que refletindo o nível de organização social e política que os negros tinham na África, representaram a primeira forma de resistência organizada à escravidão. Também as *Insurreições escravas*, como a dos MALE, negros mulçumanos que viviam na Bahia no século XIX, foram formas de resistência.

A História oficial deturpa ou até mesmo não relata as lutas do negro pela sua libertação, assim como esconde sua participação nas lutas de libertação nacional, a exemplo da Revolta dos Alfaiates (Bahia, 1798) e a Balaiada (Maranhão, 1839).

As entidades culturais têm sido de grande importância para a manutenção e transmissão dos valores negros na sociedade. Os terreiros de candomblé, os blocos negros, os afoxés, as escolas de samba, os centros de capoeira e maculelê, são alguns símbolos de resistência cultural da nossa raça.

No início dos anos 30 foi fundada em São Paulo a FRENTE NEGRA BRASILEIRA, que como movimento de massas foi a mais importante organização que os negros conseguiram após a abolição da escravatura, que tirou o negro do cativo e o atirou na mais completa marginalização dentro da sociedade brasileira. A Frente Negra foi extinta em 1937 com a ditadura de Vargas.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO, criado por um grupo de negros, entre os quais Abdias Nascimento, no Rio de Janeiro, em 1944, é outro marco importante na luta contra a discriminação racial. Durante vinte anos foi responsável pela formação de toda uma grande geração de artistas afro-brasileiros.

A IMPRENSA NEGRA já se fazia presente na década de 30, com o jornal "O CLARIM DA ALVORADA". Hoje assistimos o renascimento desta imprensa através de publicações periódicas de jornais como SINBA (Rio de Janeiro), Jornagrio (São Paulo) o Tião (Rio Grande do Sul).

Na Bahia também se registra a existência de grupos e entidades negras, como a Sociedade Protetora dos Desvalidos

(criada em 1832), o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, e mais recentemente a Sociedade Malé de Cultura e Arte Negra.

3. COMO SURTIU O MNU

A unificação do Movimento Negro deu-se a partir do ato público realizado em São Paulo em 18 de junho de 1978, em protesto à morte de Robson Silveira da Luz, preso e assassinado pela polícia, e a discriminação sofrida por três atletas negros do Clube Tietê de Regatas, de São Paulo. Para este ato público foram enviadas moções de apoio por grupos negros existentes em Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas, bem como dos nossos irmãos negros da Casa de Detenção de São Paulo.

No dia 7 de JULHO DE 1978 consolida-se a mobilização criada pelo ato público, com a fundação do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. A partir de então foram iniciadas as discussões para a elaboração dos documentos básicos que hoje temos:

Carta de Princípios
Programa de Ação
Estatuto

4. OBJETIVOS DO MNU

- Combater o racismo onde se faça presente;
- Lutar constantemente contra a discriminação racial e toda forma de opressão existente na sociedade brasileira;
- Mobilizar e organizar a comunidade negra na luta pela emancipação política, econômica, social e cultural;
- Integrar-se à luta dos setores oprimidos que visam a construção de uma sociedade justa, humana e fraterna, onde não haja explorados nem exploradores.

5. CARACTERÍSTICAS DO MNU

- É um movimento de caráter nacional, com sede em São Paulo e seção nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Brasília, estando em fase de formação em outros estados. Foi legalizado em dezembro de 1980.
- É um movimento de caráter político democrático, entendendo-se sua ação política como a denúncia de todo ato de opressão e racismo contra o povo negro, a reivindicação de todos os direitos que lhe são negados e a luta constante para organizar a comunidade negra em torno de seus interesses.
- É um movimento sem vinculação com nenhum partido ou organização política, entretanto é solidário com toda e qual.

Faça seu Jornal e outros impressos na
TIPOGRAFIA SÃO JUDAS THADEU
PRAÇA ANCHIETA, 7 CRUZEIRO DE S. FRANCISCO — TEL: 243-4141

CONHEÇA O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO
CONTINUAÇÃO DA PAG. 6

quer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira e internacional.

- Não é um movimento racista, combate o racismo sob qualquer forma que ele se apresente, mas compreende que luta de libertação deve ser dirigida somente por nós.

6. COMO ESTÁ ORGANIZADO

Entre os Estados:

O MNU a nível nacional é coordenado pela Comissão Executiva Nacional (CEN), composta por três membros de cada estado participante do Movimento. Reune-se de três em três meses a fim de manter maior articulação entre as atividades realizadas pelos estados, e de verificar o cumprimento das decisões tiradas em Congressos anuais do MNU.

NA BAHIA

Aqui no estado, o MNU está organizado, por enquanto, apenas em Salvador, e o trabalho vem sendo realizado através das seguintes comissões:

- **CULTURA** — promove atividades culturais como: show, feiras de arte, mostra de filmes, concursos, etc.
- **EDUCAÇÃO** — promove cursos de alfabetização de adultos, organiza debates, redige documentos etc.
- **CONTATOS** — mantém contatos com grupos negros, entidades, outros movimentos e pessoas interessadas, visando sua maior aproximação com o trabalho do MNU.
- **DOCUMENTAÇÃO, IMPRENSA E DIVULGAÇÃO** — distribui documentos entre a população e órgãos de imprensa, elabora o Boletim Informativo e o Jornal Mural do MNU, etc.
- **FINANÇAS** — levanta fundos para o MNU através da promoção de festas, sorteios, venda de camisetas, recolhe contribuições, etc.

Para que o MNU consiga levar a frente a luta contra a discriminação racial precisa da contribuição de toda a comunidade negra.

Seja você também um PARTICIPANTE do MNU:

- Discutindo e propondo formas de luta;
 - Trabalhando para a implantação de seu Programa de Ação;
 - Participando do trabalho das comissões;
 - Comprometendo-se com as decisões tomadas pela maioria.
- PELA LIBERDADE DE ORGANIZAÇÃO E EXPRESSÃO PARA OS NEGROS;
- POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL;
- PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO.

- 13 — A Revolta da Chibata — Edmar Morel
- 14 — O que é Racismo — Ed. Civilização Brasileira — Joel Rufino dos Santos
- 15 — O Negro no futebol Brasileiro — Mário Filho

Estes livros estão à venda na Liferarte, e poderão ser solicitados pelos reembolso postal. Basta enviar seu pedido para

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Em 8 de março de 1857, mulheres da indústria têxtil dos Estados Unidos foram gravemente reprimidas, durante uma greve em que exigiam a redução das horas de trabalho. A partir daí esta data tornou-se um marco das lutas contra a exploração, e é reconhecida no mundo inteiro como o DIA INTERNACIONAL DA MULHER.

As mulheres, de um modo geral, são rotuladas de frágeis, incapazes de exercer funções de direção ou qualquer outra atividade profissional até então desenhada predominantemente pelos homens. Restamos como opção as profissões ditas "femininas" (professora primária, enfermeira, etc.), que apesar de serem de grande importância, são discriminadas (vide os baixos salários pagos a estas categorias), tidas como a extensão do trabalho doméstico, do cuidado com os filhos.

Considerando a importância da questão, é que o M.N.U. através de um grupo de mulheres militantes, começou a discutir os problemas da mulher negra em geral, visando estabelecer uma linha de trabalho que ataque de forma direta os preconceitos que nos atingem dentro da sociedade.

No Brasil, os negros e seus descendentes chegam a constituir em alguns estados, como a Bahia mais de 70% da população. Algumas pessoas cultivam o mito hipócrita de que vivemos numa democracia racial, mas seus argumentos apontam para uma verdade evidente: os negros ainda constituem a grande massa marginalizada da sociedade.

As mulheres negras são duplamente discriminadas: como mulher e como negra, e além disto o preconceito social e econômico. Para ser aceita pela sociedade, a mulher negra — assim como o negro de uma maneira geral — passa por toda uma pressão de embranquecimento, que implica na negação das características físicas e dos valores culturais negros. Quanto mais próxima do padrão estabelecido pelo branco, maiores as oportunidades dentro da sociedade. Daí a consagração da "mulata", tratada como "produto" de qualidade relativamente superior, evidenciando a utilização da mulher negra como objeto sexual.

Uma das piores barreiras que a mulher negra enfrenta é a batalha do emprego, a certeza de que a expressão "exigimos boa aparência", sem qualquer sutileza exclui a mulher de pele escura. Sendo assim, as profissões outrora exercidas por escravos, até os nossos dias consideradas inferiores (cozinheira, lavadeira, faxineira, etc.), ainda constituem a forma de grande parte das mulheres negras que trabalham, conseguir o sustento da família ou a complementação da renda que seu companheiro consegue com biscoites.

MULHER NEGRA: discriminada pelo homem branco e pelo homem negro, considerada feia, inferior, utilizada como objeto. Mas continuamos lutando, segurando as barras, trabalhando, e como companheiras dignas que somos, continuamos presente na luta pela libertação do povo negro e pela construção de uma sociedade justa, onde todos possam participar igualmente, independente de sexo e raça.

LIVROS

I — Relação de Obras sobre: a Questão Racial, África Negra Cultural, Religião e Colonialismo.

- 1 — África Arde — Carlos Comitini — Editora Códsceri — Cr\$ 300,00
- 2 — Amílcar Cabral — Edições Sociais — Cr\$ 60,00
- 3 — Insurreições Escravas — Décio, Freitas Cr\$ 200,00
- 4 — Obras escolhidas de Amílcar Cabral — Vol. I Cr\$ 450,00
- 5 — O velho preto e a medalha — Ferdinand Oyono - Cr\$210,00
- 6 — O Negro no Brasil — Julio José Chlavento — Cr\$ 400,00
- 7 — África Austral — o passado e o futuro — Eduardo de Souza Cr\$ 700,00
- 8 — Estabelecer o Poder Popular para servir às massas — Samora Machel
- 9 — Cadernos Candido Mendes — Estudos Afro-Asiáticos n.º 3 Cr\$ 150,00
- 10 — Ser Negro — Turner Brown, Jr. — Cr\$ 400,00
- 11 — A Arma da teoria — Amílcar Cabral — Edição P/ Carlos Comitini
- 12 — África — Literatura-Arte e cultura N.º 1, 2, 3, 4, 5 e 6 Cr\$ 250,00 Cada — Manoel Ferreira — Apresentador

ENTREVISTA
COM

ZIZÉ MOTA

M.N.U. — Zezé Motta o que significa para você voltar à Bahia?

ZEZE — É sempre bom retornar a esta terra, principalmente por ser uma terra onde a presença do negro é mais forte no País. Eu me sinto em casa, o calor humano do público baiano me comove.

M.N.U. — É difícil ser Zezé Motta, uma Estrela Negra neste País de astros e ídolos brancos?

ZEZE — Os caminhos irilhados por todos os artistas negros são cheios de obstáculos, para o ator e atriz existe a obrigatoriedade de fazer papéis irrelevantes ou pontas, não podendo jamais existir como família ou mudar sua estrutura sócio-econômica; para o cantor ou cantora existe a imposição do samba como único setor musical onde o negro pode exercitar sua musicalidade.

Temos, enquanto negros, uma explosão de criatividade e naturalmente este aspecto limita muito os caminhos do artista negro.

M.N.U. — A COMUNIDADE NEGRA pode alterar este estado de coisas?

ZEZE — Bem, o grande recuo dos artistas negros em relação a sua identidade étnica é devido a falta de apoio das bases comunitárias negras, e de organizações negras que exercem pressões fortes para permitir rupturas no sistema e criar mais espaço para os artistas negros e naturalmente um mercado próprio.

Uma certa feita ao defender a formação de uma consciência étnica racial entre negros Brasileiros na Argentina, fui acusada de racista pelo programa Sílvio Santos, constantemente, sem nenhuma objeção da comunidade.

— O ideal seria que houvesse um entrosamento maior entre o MNU e os artistas negros pois temos acesso ao público e a Imprensa e é importante que o nosso discurso seja o mesmo.

M.N.U. — Zezé Motta como é seu relacionamento com os músicos que te acompanham?

ZEZE — No show que estou apresentando junto com Luiz Melodia, a Banda é mista, alguns componentes são da Banda que me acompanha, e outros da Banda de Luiz Melodia.

Mas meu relacionamento é o mais sincero e franco possível com eles.

Vocês devem ter estranhado o fato de ter apenas um negro na banda, mas não é muito fácil reunir 8 músicos negros, por vários motivos, disponibilidade, cachet alto (para as minhas possibilidades) e vontade do músico. De repente eu convindo mas o cara prefere trabalhar com Fafá de Belém.

M.N.U. — Em algumas de suas entrevistas você fala de "Repressão Sexual" o que vem a ser isto para você?

ZEZE — Isso é uma longa história, eu fui reprimida sexualmente muito cedo. Passei dos 6 aos 12 anos num Colégio Interno onde tomávamos banho de camisola e só era permitida visita masculina se fosse pai, irmão, tio ou primo.

Quando sai do colégio minha mãe frequentava a Igreja das Testemunhas de Jeová, eu até me batizei lá aos 15 anos, mas felizmente eu e mamãe já voltamos para a Umbanda. Bem, mas foi nessa época que eu aprendi que tinha que me manter virgem até o casamento. Daí hoje eu sou uma patrulheira contra a repressão à sensualidade e ao sexo

M.N.U. — Por internalizar a ideologia dominante o Negro se tornou um grande patrulheiro sexual, e cobra isto de você, pois tem a Zezé Motta como uma Mulher Negra, Atriz e Cantora mais consciência de Brasil, o que você acha destes fatos?

ZEZE — Bem, esta explosão de "Gostosura" e sensualidade ocorreu depois do filme "Xica da Silva" quando se começou a dizer que eu era a mulher "Sexy" do ano e que eu era bonita etc. Procurei a professora Lélia Gonzalez, minha amiga e conselheira, e lhe contei o que estava acontecendo, dos grilos que estavam pintando na cabeça das pessoas. Chegamos a conclusão que a questão possuía dois lados: o da negra que estava sendo vista como Objeto Sexual pura e simplesmente e o da negra sendo vista como Padrão de Beleza num País em que o modelo de beleza é o padrão ariano, e que deram uma chancezinha à mulata. Sempre negaram qualquer concurso da beleza ou estética à mulher negra. Esta questão, portanto, tem aspectos negativos e aspectos positivos e também me deixa encaucada pois além da luta contra o racismo, sou contra a repressão sexual. Este meu posicionamento em palco está contido em minha personalidade, modo de expressão. Mas se o MNU acha que esse comportamento em cena pode passar uma imagem negativa para a Mulher Negra e que isso pode desviar a atenção do público de meu talento e postura política, estou disposta a pensar nisso com carinho, sendo que isso não pode acontecer de repente.

M.N.U. — Fale um pouco das suas andanças, como surgiu Zezé Motta a cantora?

ZEZE — Eu sempre digo que sou artista por predeterminação, no Ginásio ganhei uma Bolsa de Estudo pra fazer um curso de Arte Dramática — como prêmio por minha dedicação ao Gremio Cultural, fiz um teste para a peça "Roda-Viva" em 1967 passei e comecei a trabalhar profissionalmente. Mas meu pai era músico e eu era sua maior fã, então sempre estive muito ligada a música pois ele tinha um Regional que ensaiava em nossa casa, daí eu nasci respirando música e sempre sonhei em ser cantora. Também, depois do sucesso de "Xica da Silva" isso ficou mais fácil.

M.N.U. — Já houve imposição quanto ao tipo de música que você deveria cantar?

ZEZE — Em 1973 participei do Movimento Cultural no Clube Renascença do Rio. Era uma tentativa de Mobilizar a moçada que ia curtir o samba ou o soul a se conscientizar da questão racial, daí uma gravadora tentou usar isso me convidando para gravar um disco e transformarem-me num ídolo do Movimento Black Rio. Depois uma outra gravadora me propôs rótulo de sambista, pois eu poderia futurar mais, mas felizmente eu já tinha um pacto com a minha raça e não estava a fim de quebra-lo.

M.N.U. — Zezé Motta estamos há quase duas horas neste bate-papo, vamos dar um descanso para você e prometemos, em breve, estender este diálogo a todos os negros, agradecemos seu apoio à nossa luta, pois é de grande valia neste momento em que levamos a discussão sobre o Negro a toda a Nação, como forma de questionamento para a sociedade nova, onde não sejamos multidão sem rosto, sem passado, sem presente e sem futuro.

ZEZE — OBRIGADA (BEIJOS)